



# A Verdade

ANO LXVIII - Nº 546 - Setembro / Outubro de 2021

Revista Maçônica



## A construção do Templo de Jerusalém:

**síntese, arqueologia,  
epopeias, lendas, a mística**



◆ **Maçonaria: Iniciar o quê?  
De onde? Para quê?** ◆



A união e o convívio fraternal dos maçons são alguns dos alicerces que promovem o crescimento e o fortalecimento da nossa amada Maçonaria. A Ordem fornece as ferramentas para o desenvolvimento intelectual, espiritual, ético e moral de seus membros, mas esse aprimoramento, apesar de depender de questões individuais e particulares, se dá, principalmente, em conjunto com os demais obreiros, nas sessões em loja, quando os mais experientes conduzem os passos dos neófitos e pavimentam o caminho a ser percorrido na busca da verdade, do conhecimento.



Porém, além da formação do Construtor Social, as reuniões maçônicas dão a oportunidade, em ocasiões específicas e próprias, de os irmãos compartilharem suas aflições e alegrias, de conversarem sobre assuntos diversos, de encontrarem um ombro amigo, de ouvirem o conselho sábio do decano da loja. São momentos que somente a fraternidade proporciona. Momentos únicos, inesquecíveis, que solidificam ainda mais o vínculo do obreiro com os seus irmãos, com a sua loja, com a Potência Maçônica à qual pertence e com a Ordem.

Esse sentimento de pertencimento a um grupo sofreu um forte golpe com a pandemia – que se alongou por mais de 18 meses e ainda suscita cuidados especiais, mesmo com o número de casos e óbitos em franco declínio –, pois os irmãos não podiam mais se encontrar presencialmente nas sessões. Percebi, em conversas e encontros virtuais com as lojas e os obreiros da jurisdição, que todos estavam ansiosos para tudo isso acabar e poderem se reunir fraternalmente.

Graças ao Grande Arquiteto do Universo, hoje já é possível a realização de sessões em loja e de eventos de confraternização reunindo a família maçônica, seguindo, obviamente, as recomendações das autoridades sanitárias e de saúde.

Os maçons estão voltando a se abraçar, a olhar os demais irmãos nos olhos e, apesar de algumas lamentáveis perdas que a Covid-19 infligiu, podem dizer que superaram mais um obstáculo e que estão de pé e à Ordem, assim como esta administração sempre esteve ao longo da pandemia, se desdobrando para que o funcionamento da nossa querida Glesp não sofresse descontinuidade.

Parece que a alegria e a satisfação de os irmãos estarem reunidos em loja trouxeram um novo ânimo a cada um de nós. Tenho recebido inúmeros convites para participar de sessões e confraternizações de toda a jurisdição e estou mobilizando esforços para estar presente em grande parte dessas reuniões. A vontade, confesso, era de participar de todas as sessões, abraçar e confraternizar com todos os membros da Glesp, mas a grandeza da nossa Potência não permite, pois são quase 800 lojas espalhadas por todo o imenso estado de São Paulo.

Em todas as lojas em que estive presente, pude sentir o clima de felicidade e gratidão imperando no ambiente. Os sorrisos, os abraços e as palavras afáveis e reconfortantes estão de volta e ainda mais intensos, e tudo isso nos leva a ter certeza de que somos privilegiados por pertencer à Ordem.

Isso é fraternidade. Isso é a verdadeira Maçonaria! Sigamos unidos, confiantes no Grande Arquiteto do Universo e trabalhando para que o planeta se torne um lugar cada vez melhor para todos.

Um fraternal abraço.

Grão-Mestre João Xavier

◆ EXPEDIENTE ◆



## A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

### Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)  
Loja Prudente de Moraes, 5

### Administração

Grão-Mestre João Xavier  
Loja Manchester Paulista, 413  
Oriente de Sorocaba

### Conselho Editorial

Antonio Soares da Fonseca Junior (L. 551)  
Descartes de Souza Teixeira (L. 10)  
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)  
Samir Nakhle Khoury (L. 141)  
Samir Cury (L. 857)

### Editor e Jornalista Responsável

Vagner Apinhanesi (MTb: 41.856-SP)

### EDIÇÃO DIGITAL

#### Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

#### REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138  
Liberdade - São Paulo - SP  
CEP: 01508-000  
Tel: (11) 3207-8399

E-mail: [averdade@glesp.org.br](mailto:averdade@glesp.org.br)  
[www.glesp.org.br](http://www.glesp.org.br)

**Atenção:** Os colaboradores das revistas A Verdade e Grande Loja em Destaque, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem. Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.





### A construção do Templo de Jerusalém: síntese, arqueologia, epopeias, lendas, a mística

De todas as narrativas que constituem o simbolismo científico, historicamente, o mais importante, o mais apreciado ou o mais significativo é de longe o Templo de Jerusalém. A espiritualização do templo é o primeiro, ou o mais proeminente e difundido, de todos os símbolos da Ordem Maçônica.



4  
Capa

### O Sentido da Vida

Alguém já se perguntou um dia: o que eu estou fazendo aqui? Essa pergunta me incomodou, provocou meus pensamentos. Até agora não havia esse questionamento dentro de mim.



10



34

### A amizade verdadeira nunca morre

Essa peça tem por escopo prestar uma homenagem à amizade, em especial àqueles que comigo dividem a alegria de compor uma loja de maçons livres e aceitos.

### As Sete Instruções de Aprendiz

Os princípios implícitos contidos não apenas no Ritual, mas também na Ordem como um todo, são os juízos fundamentais que servem de alicerce para toda a Maçonaria.



14

### A Roda da Fortuna

A figura do círculo, presente na carta de tarô e em todas as representações associadas à Roda da Fortuna, traz associação à roda da vida, a existência de constantes ciclos, particularmente, do destino.



20



38

### A Câmara de Reflexões

O local é lúgubre, escuro, fechado; ornamentado com símbolos que, evidentemente, têm por finalidade excitar nossa imaginação e aguçar os sentidos, predispondo-os para a recepção de preciosas informações.



24

### Maçonaria: Iniciar o quê? De onde? Para quê?

Ser maçom é ter presente que a Maçonaria significa paz e felicidade pelo exercício do sublime ideal da fraternidade, é sentir o ser irmão e amar a família que, escolhido, permanece nela, para participar do aperfeiçoamento social.



28

### NOTA DE FALECIMENTO

É com imenso pesar que comunicamos a passagem ao Oriente Eterno dos irmãos Ricardo Mário Gonçalves, no dia 6 de setembro de 2021; e Valdemar Sansão, em 27 de setembro de 2021; ambos membros profícuos do Conselho Editorial da revista *A Verdade*, com a qual colaboraram incansavelmente por intermédio da avaliação e produção de artigos, visando sempre e tão somente ao engrandecimento da cultura e conhecimento maçônicos. Nossas mais sinceras condolências aos familiares, amigos e irmãos de loja.

# A construção do Templo de Jerusalém:

**síntese, arqueologia,  
epopeias, lendas, a mística**

**Irmão Celso Eustáquio de Avelar**

*Loja Cavaleiros Unidos do Vale do Paraíba, 541*

*Oriente de São José dos Campos*



**D**e todas as narrativas que constituem o simbolismo científico, historicamente, o mais importante, o mais apreciado ou o mais significativo é, de longe, o Templo de Jerusalém. A espiritualização do templo é o primeiro, ou o mais proeminente e difundido, de todos os símbolos da Ordem Maçônica.

A coroação do reinado de Salomão foi a construção daquele magnífico templo em Jerusalém, também chamado de Casa de Davi, a Casa Santificada, o Templo de Adonai ou o Primeiro Templo. Constitui, também, uma análise rigorosa das relações sociais que existiam em Israel naquela época, tanto entre os diferentes grupos políticos como entre os diferentes grupos sociais e nações gentílicas em seu entorno.

A Maçonaria o adotou como um símbolo, pois representa a estrutura mais estável, magnífica, colossal e fabulosa que havia existido, dado isso a arquitetura e a arte que transformaram os edifícios religiosos em recipientes espirituais de força e beleza.

O Templo de Jerusalém passou a ser o lar espiritual de todo maçom. O templo é um símbolo de nobreza na Maçonaria, e a legendária história de sua construção é a base fundamental dos corolários maçônicos e guia para conduzir a sociedade. É o espaço sagrado por excelência, tecido em torno de suas proporções geométricas, das ferramentas necessárias para a sua construção e dos detalhes lendários que o rodeavam.

Símbolo da verdade absoluta, símbolo da criação do Homem Universal, a Casa de Yahweh, o Templo de Jerusalém foi construído sobre planos que o rei Davi recebeu em sonho de uma fonte divina, mas levado a cabo por seu filho Salomão, cujo ideal fez resplandecer sobre o Monte Moriá intenso brilho de luz e glória, cujo interesse é o reflexo dessa maravilhosa obra erguida.

Em outras palavras, a Maçonaria está profundamente enraizada na Primeira Aliança do Antigo Testamento, porquanto estabeleceu vínculos permanentes e imutáveis e, por conseguinte, se alinha à Segunda Aliança, quando nasce o Cristianismo Bíblico, assentado nos ensinamentos do Cristo Jesus, onde a prática da caridade e o amor aos mais necessitados não foram negligenciados, em fiel descritiva abordada na Boa Nova.

A título histórico, devemos destacar que uma simples leitura nos Evangelhos não é suficiente para sustentar que a Lenda do Terceiro Grau encontre respaldo na História, tampouco na própria Bíblia. Mas se formos mais além, observaremos que o escritor hagiógrafo e o instrutor maçônico encontram um ponto comum no véu da verdade.

Sem sombra de dúvida, trata-se de um arranjo literário de fértil imaginação, inundado de emotividade, semelhante às lendas que encontramos nos Mistérios dos Antigos Santuários Egípcios, símbolo, propriamente dito, em que a didática e a pedagogia maçônicas encontram



suporte em transmitir emoções de grande valor iniciático.

Por conseguinte, ao neófito, já nas primeiras Instruções de Aprendiz, é solicitada a coragem em realizar profundo mergulho nos Antigos Mistérios das Ciências Ocultas, complementado, *a posteriori*, por um conteúdo didático, até a revelação da Lenda do Terceiro Grau.

A palavra “templo” deriva do latim *templum*, que significa um local descoberto que permite uma visão da região circundante. Em um sentido mais restrito, significa um lugar sagrado para o divino, um santuário, edifício público erigido em honra de uma ou mais deidades. Em Roma antiga, significou o espaço descoberto consagrado pelos áugures.

Na Bíblia, o santuário de Jerusalém tem o nome hebraico Beit Hamikdash (Casa de Yahveh). O edifício sagrado era dividido em três partes: Átrio ou pátio externo (*goyim*); o Lugar Santo (*hekhal*) e Santo dos Santos (*Kodesh HaKodashim*), conforme mencionado em II Crônicas, 3:5.

Não obstante, era natural que os maçons se vissem como pedras imaginárias, muito antes da formação de uma fraternidade moderna, e se sentissem herdeiros do maior construtor de todos os tempos. A pedra bruta se apresenta ao construtor sob forma natural, rude, imprópria, contudo, após primoroso desbastamento, se transforma em pedra cúbica e assim apta a ocu-

par um lugar na alvenaria do templo.

Sucedem neste histórico os dois templos que são geralmente distinguidos: o chamado Primeiro Templo ou Templo de Jerusalém, construído de acordo com a Bíblia, pelo rei Salomão para substituir o Tabernáculo como o único centro de adoração para as doze tribos de Israel. Sua construção marca uma ruptura com a tradição hebraica, segundo a qual Yahweh morava em uma tenda (Tabernáculo) e, agora, condicionado a ocupar sua casa.

As principais fontes de informação sobre a planta, construção e decoração do Templo são, em primeiro lugar, I Reis, 6-7; depois, o relato paralelo de II Crônicas, 3 e 4, o que tende a ampliar incomensuravelmente as dimensões. Outras fontes acudimos para complementar o estudo do Templo de Jerusalém, e, na ausência da realidade arqueológica do edifício inteiramente destruído duas vezes, também a Bíblia. Não obstante, os livros de Samuel, Esdras, Neemias, Ezequiel, Daniel, o tratado de Middoth do Talmud e os escritos do historiador judeu Flávio Josef, (37 d.C.), autor de *Antiguidades Judaicas*. A estas fontes podemos adicionar, a partir de 1947, os mais de 800 rolos de Manuscritos do Mar Morto, escritos entre 250 a.C. e 68 d.C.

Acrescentamos ainda os chamados livros apócrifos, que também nos fornecem informações que coincidem com os chamados livros canônicos. O Zohar, obra fundamental da Cabala,

descreve metaforicamente a visão do profeta Zacarias de um templo dedicado ao Senhor.

A obra, bem pesquisada, impressiona pela ampla gama de fontes e materiais que foram utilizados em sua preparação, pois nos conta quem foi o construtor do templo, sua origem Cainita e as relações que Salomão teve com Hiram, o construtor; e o rei Hiram de Tiro. O sobrenome resulta em seu título de honra (abi, abiv, abiff, em hebraico, meu pai). A palavra Ab, do hebraico, significa “pai” e dependendo do sufixo que recebe pode ter o significado de “meu pai” (Abi) ou “seu pai” (Abiff).

A hermenêutica remonta à exegese bíblica e o elóquio de mitos e oráculos da Grécia antiga. Com efeito, o nome Hiram Abiff não consta explícito na Bíblia, entretanto, existem referências que nos levam a uma elucidação e tradução da comunicação escrita, comunicação verbal e, secundariamente, comunicação não verbal. Seu conceito central é o de compreender textos escritos importantes e relevantes, sem adentrar, porém, em seu contexto de livro revelado. Nessa conjuntura, o escritor hagiógrafo nos revela que, na Bíblia, o Soberano Senhor dos Mundos tem um nome que somente Lhe pertence, isso nos assegura o Livro de Êxodo e o Salmo 83.

Mas por que mais de 7 mil menções no Antigo Testamento a Yahweh e somente 274 no Novo Testamento? No Antigo Testamento, encontramos um Yahweh enérgico, duro, irado, às vezes, até vingativo; e outro no Novo Testamento, qual seja, aquele que nos revelou Jesus, um Yahweh bondoso, cheio de piedade, amor e infinita misericórdia. E vai mais longe: descreve minuciosamente acontecimentos e fatos fora do contexto do ordenamento cronológico – que propositadamente envereda por caminhos distintos, mas, diante da ciência hermenêutica, encontraremos rumos para elucidar os históricos que sucedem, senão vejamos:

1) Encontraremos no Livro da Lei pelo menos três personagens de nome Hiram, cujo significado pode ser traduzido como “homem de vida elevada”: Hiram, rei de Tiro; Hiram, o arquiteto-fundidor, filho de uma mulher da tribo de Dan e de um homem tírio chamado Ur, que significa “forjador de ferro”, consoante o relato bíblico em II Crônicas, cap. 10, ou o filho de uma viúva da tribo de Naftali, de acordo com que se refere Reis I, 7:13; e Hiram, chefe de tribo. O chefe da tribo, Hiram, aparece no Livro de Gênesis e no primeiro Livro de Crônicas, mas, seguramente, não está vinculado à Lenda do Terceiro Grau, e seu protagonismo é tão



somente um informe bíblico;

2) O rei Davi adquiriu com ônus o terreno, a eira de Araúna, empenhada de um comerciante da tribo dos jebuseus, para assegurar a construção do templo, mas essa obra foi impedida pelo profeta Natã, que expressou ter recebido uma revelação, segundo a qual Salomão, filho de Davi, seria o encarregado dessa tarefa. O Livro de Reis e o Livro das Crônicas coincidem nesta questão, mas o segundo destaca que Davi foi quem concebeu o Templo e seu culto em seus menores detalhes;

3) É geralmente aceito que a “rocha sagrada” no centro da Mesquita de Ormán formava a base do altar dos holocaustos no Templo de Jerusalém. Nessa colina, de acordo com uma antiga tradição, Abraão se preparou para sacrificar seu filho Isaac; ali próximo situava-se o ponto mais alto da colina. Davi erigiu um altar ao Senhor, supostamente aquele é o lugar no futuro: “Aqui o Senhor proverá”;

4) De acordo com a Bíblia, esse templo foi erguido por volta de 963 a.C. e ali funcionava como o principal santuário dos israelitas, para

substituir o *Mishkan* (Tabernáculo). Do Tabernáculo foram levados ao novo templo a Arca da Aliança (*Aron Haberit*), onde estavam guardadas as duas tábuas da lei; a vara de Aarão; e um vaso do maná, as sete lamparinas (*Menorah*) para fornecer luz junto ao altar do incenso segundo a Torah;

5) A narrativa mostra Salomão como um monarca pacífico (literalmente o que seu nome significa) e homem próspero, com muitos conhecimentos e sabedoria, em que pese sua juventude, soube usar a sua enorme riqueza para construir numerosos edifícios em todo o reino;

6) A gratidão de Davi aos povos moabitas. Coube aos moabitas a guarda da Arca da Aliança a pedido do rei. Segundo a tradição, os moabitas viviam em um planalto além das montanhas, lugar de difícil acesso;

7) O templo foi executado por meio de levas sob a direção do artífice Hiram, filho de uma viúva israelita da tribo de Naftali e de um bronzista fenício, e com o apoio do rei Hiram de Tiro. A expressão “meio de levas” nos remete às seguintes interpretações: o serviço foi executado semelhante a uma empreitada, renovando-se seus obreiros,



à medida que a obra se tornasse mais sofisticada, ou o serviço teria sido executado pelo sistema de corveias;

8) No primeiro Livro de Reis, IV, Salomão fornece a lista dos altos funcionários e, entre eles, Adoniran, filho de Abda, preposto às corveias, agrupamento ou contingente de trabalhadores com habilidades em executar diversos trabalhos como, por exemplo, fazer a manutenção do castelo, construir muros, construções em geral, mediante pagamento através de serviços prestados nas terras ou instalações do senhor contratante;

9) O templo foi concluído em sete anos, mas o trabalho completo do palácio tardou 20 anos e sete dias.

O Templo de Salomão foi destruído por Nabucodonosor em (596 a.C.). Registra-se que, após regresso do cativo de Zorobabel, teria sido ressuscitado suas ruínas (537 a.C.), mas em condições tão modestas que os anciãos que conheceram o antigo templo derramaram lágrimas, prantos nostálgicos, período que a Judéia estava sob a soberania persa, durante o reinado de Dario I e, posteriormente, consagrada pelo sumo sacerdote Josué.

No reinado de Antíoco Epifânio IV, o templo foi profanado, tornando-se um templo helenístico e, possivelmente, consagrado ao deus Zeus. Após a revolta dos Macabeus, foi purificado e consagrado novamente ao culto de Iahweh por Judas Macabeu, em 165 a.C.

No final do século I a.C., foi ampliado e reconstruído pelo Rei Herodes I, o grande, tornando-se o ponto focal do Judaísmo. Na Primeira Guerra Judaica, foi sitiado pelos romanos e

destruído pelas legiões sob o comando de Tito, em 70 d.C. Seu vestígio principal é o Muro das Lamentações, também conhecido como Kotel.

O Muro das Lamentações é parte do templo ampliado por Herodes, mais especificamente, uma dessas quatro grandes paredes externas, que se tornou símbolo nacional da cultura judaica, porque a estrutura de tijolos antigos presenciou o surgimento, o exílio e a redenção de Israel e do povo judaico.

No século VII, finalmente, e com a cidade nas mãos de otomanos e muçulmanos, a Cúpula da Rocha e a Mesquita de Al-Aqsa foram construídas naquela área.

De acordo com algumas correntes da escatologia judaica, um Terceiro Templo em Jerusalém será reconstruído com a chegada do Messias. A reconstrução do Terceiro Templo será o indicativo definitivo da Redenção final – a era utópica de paz e prosperidade para todos os povos. ◆

### Referências bibliográficas

- ASLAN, Nicola. *A Loja Operativa, Coletânea de Trabalhos de autores diversos*, Revista A Trolha, Londrina-PR, 1993/1997
- CHALIER, Rene Joseph. *Pequeno Ensaio de Simbólica Maçônica*, São Paulo, 1964.
- COSTA, Frederico Guilherme. *Maçonaria na Universidade*, A Trolha, Londrina-PR.
- SCHEIBE, Hermann e Georg. *História e Mistérios das Sociedades Secretas*, Tradução de Eurico Douwens, IBRASA, São Paulo, 1959.
- VERDUSSEN, Roberto. *Manuscrito de um Aprendiz*, ARGBLS Duque de Caxias, Nº 1.357, São José dos Campos, SP, 1976.

# O SENTIDO DA VIDA

**Irmão Carlos Rodrigues Devesa** *(in memoriam)*  
Loja Gonçalves Ledo, 177 - Oriente de Guarulhos

## 1ª Reflexão

“A vida é muito curta para ser pequena”.

Qual é o sentido da vida? Devo confessar que mudei a ideia deste trabalho logo após nossa última reunião em loja, onde discutimos acerca da evasão na Maçonaria. O que me fez mudar o rumo deste trabalho foi o questionamento que um irmão fez ao grupo logo no início dos trabalhos.

“Alguém já se perguntou um dia: o que eu estou fazendo aqui?” Essa pergunta me incomodou, provocou meus pensamentos. Até agora não havia esse questionamento dentro de mim. Voltei ao Manual de Instrução de Companheiro e li um par de vezes a Quarta Instrução. Foi exatamente o último parágrafo da instrução que me provocou reescrever este trabalho. “Para vos tornardes verdadeiro iniciado, podeis ler pouco, mas pensai muito, meditais sempre e, sobretudo, não tenhais receio de sonhar!”

Assim novos questionamentos surgiram em meus pensamentos: Qual é a importância da minha existência? Qual é o meu papel nesse universo? Nesse mundo? No meu país? Na minha família? No meu trabalho? Na minha loja? Quais são os meus sonhos? O que eu estou fazendo aqui?

O mundo está em constante mudança, a sociedade, os negócios, as famílias, as tecnologias...

As tecnologias disponíveis hoje provocaram uma mudança extraordinária na sociedade com relação à mobilidade, à instantaneidade, à simultaneidade, à conectividade, que são boas e importantes no mundo de hoje, mas também trazem coisas ruins como a superficialidade, a impaciência, o isolamento e a in-

tolerância que se propagam numa velocidade também jamais percebida anteriormente.

Vivemos hoje uma época de individualismo exagerado. Uma época em que a regra é cada um por si e Deus por todos. Cada vez mais somos forçados a agir e pensar somente em nós, no individual, e esquecemos o coletivo, e esquecemos também que vivemos em comunidade.

Devemos lembrar que o que realmente é importante na vida é nossa capacidade de convivência.

“Nós vivemos todos no mesmo lugar e toda vez que rompemos ou ameaçamos romper com essa capacidade de viver em ‘condomínio’, ou seja, no mesmo domínio, colocamos nós mesmos em risco se insistirmos com essa ética do individualismo exagerado” – Mario Sergio Cortella.

A regra na vida não pode ser “Cada um por si e Deus por todos”, mas sim, “um por todos e todos por um”.

É nessa hora que a filosofia, a meditação e a reflexão nos ajudam a pensar a ética, o conjunto de valores e princípios que definem a nossa conduta e que respondem as três grandes questões necessárias para a convivência humana: Eu Quero? Eu Posso? Eu Devo? Existem coisas que eu quero, mas não posso. Existem coisas que eu posso, mas não devo. Existem coisas que eu devo, mas não quero. Como equilibrar isso?

Como deve ser a nossa conduta na vida pública, na vida privada, nos negócios? Nem sempre o que eu quero é o que devo fazer.



Lembrando o apóstolo Paulo, em sua carta aos Coríntios, onde diz: “tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”. Devemos evitar tudo que torna imunda a nossa trajetória, o que mancha minha história, o que desonra a minha família, o que ofende a minha comunidade.

Se eu devo, mas não quero, e minha vontade deve ser coerente, eu não posso fazê-lo.

Mas se não fizer, tenho que entender que vou ter problemas e assumo os riscos e as responsabilidades por isso.

Ética é decisão, é escolha. Ética são os princípios. A moral é a prática desses princípios; não existe ética individual, mas existe moral individual.

## 2ª Reflexão

“O momento exige que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas”.

Se quisermos que as coisas sejam diferentes, se quisermos obter resultados diferentes, não podemos imaginar que essas mudanças ou esses resultados possam mudar se continuamos a fazer tudo da mesma maneira de sempre.

Voltando ao questionamento sobre a evasão na Maçonaria, que provocou essa mudança de rota de meu trabalho, refleti sobre o que poderíamos fazer para mudarmos isso, quais seriam as respostas para a inquietante pergunta: O que eu estou fazendo aqui?

Alguns acham importante o fato de sermos uma entidade “discreta”, alguns até gostariam que fosse “secreta” como outrora. Muito se falou de “Vaidades” individuais que impossibilitam uma maior interação entre os irmãos, entre as lojas e até entre Potências Maçônicas diferentes.

Vaidades?! Nos ensinamentos cristãos, a vaidade é considerada um exemplo de orgulho, um dos sete pecados capitais. É algo enganoso, sem valor, que leva à ostentação e à idolatria. Para esses, já tenho a resposta ao questionamento “O que eu estou fazendo aqui?": Nada! Nem por eles mesmos.

Quando falamos sobre as regras, rituais, na possibilidade de alterações ou adequações, muitos irão dizer que são tradições e não devem ser mudadas. Não estou dizendo que devemos mudar toda ou parte do que é tradicional ou de costume na Ordem. Mas se buscamos mudanças, precisamos ao menos iniciar as discussões sobre essas tradições e regras imutáveis.

Não podemos confundir raízes com âncoras. Raízes alimentam! Âncoras imobilizam!

## 3ª Reflexão

“Nutra sua mente com grandes pensamentos, pois você nunca irá mais alto do que o que você pensa”.

Como em todo processo de aprendizagem, de aprimoramento, nunca saberemos o que é realmente verdadeiro. O que foi verdade ontem é diferente do que é verdade hoje e com certeza será diferente do verdadeiro de amanhã. Estamos nessa vida com o objetivo de buscar a verdade, sempre. E isso nunca vai acabar.

A verdade está em constante mutação e é justamente isso que dá sentido à vida. Essa eterna busca em busca da vida eterna, da vida que tenha sentido, da vida que seja lembrada para sempre pelas futuras gerações.

Essa vida eterna, usando o significado da palavra vida com o sinônimo de ideias ou ideais, onde o bem comum, a justiça, a liberdade e a fraternidade sejam os pilares fundamentais e imutáveis de todos os homens no universo.

Justamente quando escrevo este texto, recebo uma correspondência da Glesp (uma carta de cumprimentos pelo meu aniversário), de onde destaco o seguinte trecho: “... ressalto a importância de sua participação e contribuição positiva no fortalecimento de nossa sublime instituição, na busca de nossos ideais, no aprimoramento moral e no exercício de construtor social...”

Devemos sair das fronteiras da loja, da instituição, para espalharmos esses conceitos. Não podemos ficar encastelados, usufruindo e disseminando individual e internamente as ideias e ideais em que acreditamos.

Como ser um construtor social apenas encerrado em nosso próprio “mundo”? Devemos explorar e expandir nossas ações e ideais para o mundo profano. Só assim estaremos exercendo o verdadeiro papel de construtor social.

#### 4ª Reflexão

“Nós fazemos nossos caminhos e lhes chamamos destino”.

Voltando ao questionamento: O que eu estou fazendo aqui? Hoje eu sei o que estou fazendo aqui. Estou em busca de meu desenvolvimento enquanto pessoa, inserido em uma coletividade. Busco maneiras de aprender e compartilhar meu aprendizado dentro e fora da Maçonaria.

Todos nós estamos aqui para: o autoconhecimento; combater a tirania, a ignorância, os preconceitos e os erros; glorificar o Direito, a Justiça e a Verdade; promover o bem-estar da Pátria e da Humanidade; tornar feliz a Humanidade pelo amor; para o aperfeiçoamento dos costumes; praticar a tolerância, pela igualdade, pelo respeito à autoridade e à crença de cada um; meditar e refletir; aprender e ensinar; ser mais tolerante; ser companheiro; dividir nossas angústias e felicidades; pedir ajuda e ajudar; celebrar nossas conquistas; e compartilhar nossas experiências.

#### 5ª Reflexão

“A melhor coisa que se pode fazer pelo próximo não é dividir com ele tuas riquezas, mas revelar-lhe as dele”.

Existem coisas que eu sei e você não sabe. Existem coisas que você sabe e eu não sei. Essa é nossa sorte, essa é a maravilha da vida. Assim, nós trocamos nossos conhecimentos e crescemos juntos. Isso é vida. É a capacidade de partilha.

Espero que todos percebam que quando compartilhamos o que temos hoje, não perdemos nada. Na verdade, ganhamos. E, no final de nossa existência, vamos perceber que teremos muito mais do que tínhamos quando no início de nossa jornada nesse universo. ◆

**Obs:** Todas as citações que abrem as reflexões propostas no texto são de autoria de Benjamin Disraeli (1804/1881), político, escritor, duas vezes primeiro-ministro da Inglaterra.

# 7 As Instruções de APRENDIZ



**E**xiste uma expressão popular que diz “guardado a sete chaves”, que pode ser usada tanto para um tesouro, como para um segredo, referindo-se, corriqueiramente, à necessidade de se proteger algo de suma importância.

Na Sétima Instrução recebida como Aprendiz Maçom, pude dar início ao entendimento dos mistérios maçônicos, exurgindo das regras contidas nas instruções e nos princípios nelas contidas, se revelando paulatinamente dentro do meu entendimento, como um indivíduo maçom.

É claro que ler o Ritual e recitá-lo mecanicamente não basta para que se alcance luz alguma (luz mental, do intelecto). Durante o intervalo entre a Iniciação e a Sétima Instrução, fui percebendo que necessitaria de algo a mais. Então, quando se faz uma interpretação da forte expressão “ter a garganta cortada, a revelar os segredos” pude compreender que o segredo, na verdade, está na observação e no silêncio em loja, pois ficarão dependentes do estudo e da perseverança pessoal, e isso constitui o verdadeiro segredo, inclusive, guardado a sete chaves.

Além dos livros, quartos de hora, peças de arquiteturas e milhares de materiais escritos que tive acesso, é no convívio com os irmãos que pude aprender mais. Não à toa, é na Loja de Aprendiz que se lê o Salmo 133. Acredito que o êxito das atividades maçônicas se dê pelo convívio entre os irmãos, da qual se espera total respeito quanto às diferenças de pensamento. Obviamente, ser maçom não é para qualquer um, e de todo convívio advém rugas. Brigas por poder na loja, profanos de avental, donos de lojas, desvalorização de novas ideias e opiniões, preconceito com os mais jovens, e até ativismo político radical, litígios envolvendo o Grão-Mestrado e rixas entre Potências, entre outras, são polêmicas que sempre existiram e sempre existirão. Faz parte.

Dentro da Maçonaria, pude perceber que está incorporada muitas aspirações que podem atender à toda e qualquer vibração de um iniciado. Mesmo que esse iniciado ainda não saiba concretamente, a excelência da Ordem é abastecê-lo com o que ele mais anseia ou necessita. Simbologia, esoterismo, religião, astrologia, filosofia, tradição, ensinamentos morais, condutas éticas, relação com a família, com o bem-estar do próximo, do país, da Humanidade, enfim, a ressonância que o maçom deseja, ele poderá experimentar dentro de uma oficina, estudando bastante e, principalmente, na convivência com os irmãos.

Ouvi muito a expressão “sua caminhada na Maçonaria” e acredito que é isso mesmo, que a Maçonaria é uma escola filosófica, uma escola de livre pensar. Não uma liberdade ensinada, ou então, uma liberdade de “fazer o que quiser”. O maçom livre é aquele que é responsável por suas escolhas, tendo o cuidado de não comprometer sua imagem, ou a imagem da instituição à qual pertence, por livre escolha. Para termos e concretizarmos a liberdade de consciência, de religião, de opinião, de expressão e de manifestação, devemos nos deparar com outros pontos de vista, para então, exercer o livre-arbítrio com serenidade.

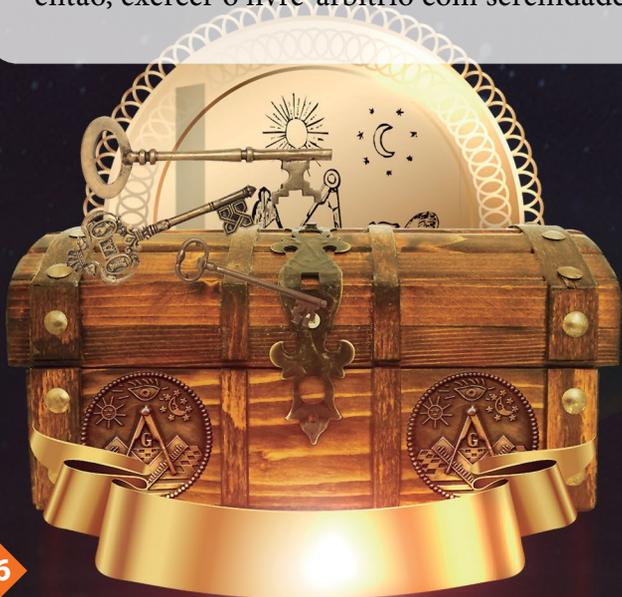
## Princípios, esoterismo e alegorias

No Ritual do Aprendiz Maçom, logo em seu primeiro título, são abordados os Princípios Fundamentais com um maravilhoso texto explicativo, bem como em todas as Sete Instruções, no qual temos elencados diversos princípios que norteiam nossa Ordem.

Os princípios implícitos contidos não apenas no Ritual, mas também na Ordem como um todo, são os juízos fundamentais que servem de alicerce para toda a Maçonaria. Posso destacar o Princípio Universal da Verdade, que significa não impor limites à investigação da Verdade e serve para garantir a liberdade que se exige de todos os seus membros, bem como dispor de tolerância para com o outro irmão. Esse princípio não é uma ideologia que pretende transformar a sociedade, muito pelo contrário, conduz o iniciado a uma profunda e sincera reforma de si mesmo.

Nesse sentido, somente através da dedicação individual, estudando bastante, com reflexão e aplicação particular, pode-se chegar ao sentido esotérico da Verdade. Talvez, por esse motivo, é que o Aprendiz apenas conheça instrumentos alegóricos básicos, onde a Pedra Bruta, com a Régua de 24 Polegadas, o Maço e o Cinzel, deve ser talhada e aperfeiçoada, para se tornar uma Pedra Polida, isto é, melhorar suas virtudes, seu caráter, sua personalidade e seu espírito, consistindo em uma verdadeira via de purificação em busca da elevação moral.

É evidente que existe um trabalho anterior à essa compreensão, que ocorre internamente, dentro do Aprendiz, que é se desprender da ilusão da matéria e fazer a respectiva interpretação filosófica das alegorias e símbolos. Nas palavras do querido professor e irmão Lucas: “fugir do racionalismo esterilizante, para atingir a transcendência”.



Pois bem, a maior insígnia maçônica é o Avental, no qual também está contida uma gama imensa de simbologia. Primeiramente porque se reveste da consciência individualizada do maçom, e depois porque é seu reflexo também fora de loja, pois quando saímos de uma sessão o “Eu” continua conosco e devemos nos perguntar ao deitar: Desbastei a Pedra Bruta no meu dia de hoje? Fui justo com meu semelhante?

Por outro lado, acredito que uma vez trajado o avental, o Aprendiz não é mais aquela pessoa de antes. Tem agora gestos solenes, postura serena e disciplinada, suas palavras devem ser calmas e cuidadosamente pronunciadas ao defender suas ideias e posicionamentos.

O avental tem de ser entendido como o símbolo maior do trabalho, lição primeira que nos é ensinada desde o contato inicial que temos com a Ordem. Infelizmente, até o momento, não pude participar de muitas sessões devido à pandemia, mas experimentei o esoterismo dentro de uma loja a partir do momento em que ajudava a prepará-la, sempre amparado e acompanhado de um irmão. Ao acender o incenso e todos se retirarem da loja para ficarem no corredor, antes da sala dos Passos Perdidos, onde o Mestre de Cerimônia bate três vezes o seu bastão no chão, inicia-se a entrada ritualística, e todos os irmãos, na mesma mentalização, fazem surgir uma egrégora, que é um momento onde todos os sentidos ficam aguçados, de total sensibilidade e espiritualização.

Toda essa sensação nos remete as três qualidades indispensáveis do maçom: Vontade (energia), Amor e Sabedoria (expressão do amor, bondade), Inteligência (ideal elevado). Porém, o homem é falível e muitas vezes se perde na sua arrogância e soberba.



Li certa vez em uma postagem de internet a seguinte frase: “Não confunda alguns maçons com a Maçonaria... A Ordem está pronta. O homem ainda não”. O progresso maçônico acha-se no aprofundamento do estudo dos três pontos que adornam a sua assinatura, pois sintetizam admiravelmente o Mistério da Unidade, da Dualidade e da Trindade, ou seja, o mistério da origem de todas as coisas e de todos os seres.

O símbolo dos três pontos corresponde realmente à ideia maçônica sobre o Princípio Universal da Verdade: a tese ou a ideia inicial, a antítese, que seria a oposição que lhe é feita, e, por fim, a síntese, a harmonia conseguida entre as duas ideias opostas, ou seja, seria o antagonismo de duas forças contrárias que por fim descobriram o seu ponto de equilíbrio.

### Conclusão: Sois Maçom?

O maçom é livre, de bons costumes e, pelos ensinamentos da Maçonaria, busca seu engrandecimento como ser humano atuante e culto, combatendo a ignorância. A ignorância é o vício que mais aproxima o homem do irracional.

Passei, então, a me considerar, agora com todos os ensinamentos, um verdadeiro Aprendiz da Arte Real e me sentir pertencido genuína e efetivamente à Maçonaria, sempre em busca do avanço no entendimento de que cada obreiro traz consigo as marcas da sua Iniciação, o que o torna único na oficina, e que para o aperfeiçoamento de suas qualidades, nunca abrirá mão da acolhida dos Mestres para conduzir na contínua formação.

Quando olho para trás, na minha Iniciação, em 4 de abril de 2019, e vejo onde estou agora e toda a bagagem conquistada, muitas palavras vêm à mente: desafiador, gratificante, inesperado, reconfortante. Mas uma palavra se destaca especificamente: gratidão.

Portanto, a palavra de ordem é Lapidar! Com a régua mediando meus limites, com o esquadro endireitando meu caminho. Com o nível equilibrando minhas emoções, com o prumo alinhando meu caráter, com o maço expressando minha força de vontade, com o cinzel atuando com sabedoria. E assim,



desbastando a Pedra Bruta, sigo e seguirei meu justo caminho em prol do progresso na Maçonaria e do aperfeiçoamento da sociedade humana.

Existe algo profundo entre o passado e o presente, e cada um segue o seu entendimento do que é Maçonaria. Até esse momento, entendo que todos esses motivos são legítimos, embora, algumas vezes, percebo que há um paradoxo entre o que se propaga e o que se faz. Filosoficamente, o maçom se constrói a si mesmo. Levantar templos à virtude e cavar masmorras aos vícios significa que você é quem define a medida do templo virtuoso que quer edificar e a profundidade da masmorra que precisa cavar.

Para finalizar, trago para essa Peça de Arquitetura a mentalização do real propósito maçônico: edificar livremente como homens de nobre carácter, construindo uma sociedade com os mais elevados valores éticos e morais, sempre medida pela régua de 24 polegadas, com a exatidão do compasso, lapidada pelo maço e pelo cinzel, sob a égide da liberdade que a Maçonaria oferece.

Sou Maçom. Tenho orgulho de dizer isso. Mas também sabendo que tenho o direito e o dever de lançar mão do conhecimento humano provido pela Filosofia, pelas Ciências e pelas Artes, sob a tríade da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, sempre dentro dos princípios da moral, da justiça e da razão, para realizar uma edificação que me torne livre de vícios e pleno de virtudes, de sorte que o mundo alcance a felicidade geral e a paz universal. ◆

## Referências

- ASLAN, Nicola. *Comentários ao Ritual de Aprendiz – Vade Mecum Iniciático*. Editora Maçônica.
- BEÇAN, Lorivaldo Perez. *O livro secreto da Maçonaria*. Universo dos Livros.
- CAMINO, Rizzardo da. *Cadeia de União*. São Paulo: Livraria Maçônica, 2002.
- CASTELLANI, José. *Cartilha do Aprendiz*. A Trolha.
- \_\_\_\_\_. *O Rito Escocês Antigo e Aceito - História, Doutrina e Prática*. A Trolha.
- CHARLIER, René Joseph. *Pequeno Ensaio de Simbólica Maçônica*. Edições Futuro.
- COUTO, Sérgio Pereira. *Dicionário secreto da Maçonaria*. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.
- LAVAGNINI (MAGISTER), Aldo. *Manual do Aprendiz Franco Maçom - Introdução ao Estudo da Ordem e da Doutrina Maçônica*. Buenos Aires: Sociedade das Ciências Antigas, 1955.
- MACKEY, Albert G. *O Simbolismo da Maçonaria*. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
- PIKE, Albert. *Moral e dogma. Ritual do Aprendiz Maçom – REAA 11ª edição, de nov/2017*.

# A RODA DA FORTUNA

Irmão Flávio Kasutoshi Yamamoto  
Loja Luz, Vida e Amor, 690 - Oriente de Sorocaba

**F**ortuna era a deusa romana do acaso, da sorte (boa ou má), do destino e da esperança. Corresponde à divindade grega Tique. Era representada portando uma cornucópia e um timão, que simbolizavam a distribuição de bens e a coordenação da vida dos homens; e geralmente estava cega ou com a vista tapada (como a moderna imagem da Justiça), pois distribuía seus desígnios aleatoriamente. Era a deusa que presidia os acontecimentos cotidianos da humanidade, ao bem e ao mal.

Supostamente, sua força teria o poder de influir no sucesso ou fracasso do ser humano. No âmbito deste estudo básico, verificamos, então, que quando falamos em “fortuna”, estamos nos referindo aos bons acontecimentos, riqueza, sorte, ventura, e, também, a má sorte, infelicidade, infortúnio.

Com esse significado em mente, lembramos a instrução do 1º Grau, que alerta que a eminência da posição social, por mais privilegiada que possa ser, não nos faça esquecer que somos irmãos e que aquele que está no ponto mais baixo da Roda da Fortuna é igualmente digno de nossa estima e consideração, porque tempo virá – e os mais sábios dentre nós não sabem o quão breve – em que todas as distinções, salvo aquela da bondade e da virtude, deixarão de existir, e a Morte, a grande niveladora de toda grandeza humana, reduzir-nos-á, ao mesmo estado.

Nos estudos maçônicos, o nível nos demonstra que somos oriundos de uma mesma descendência e que ela iguala a todos nós, sujeitos à mesma lei que governa o Macrocosmo e o Microcosmo.

O homem questionador sempre tentou decifrar a atuação dessa lei, principalmente em sua própria vida (microcosmo), e os mais

sábios tentaram transmiti-las através de símbolos. O estudo do simbolismo da Roda da Fortuna é muito significativo e exemplifica a atuação dessa lei e poderá ser muito enriquecedor se for objeto de reflexão acurada.

Podemos encontrar o tema da Roda da Fortuna em muitas tradições, com outras denominações. Particularmente, no Tarô, ela é representada pela décima lâmina, um Arcano Maior, e denominada também de Roda da Fortuna, tendo a palavra fortuna o mesmo significado dito anteriormente.

Em breves palavras, o Tarô é composto de 78 cartas ou Arcanos (Arcano significa mistério, segredo), sendo 22 Arcanos Maiores e 56 Arcanos Menores. Os Arcanos Maiores são distintos, dizem respeito ao mundo subjetivo e à mente abstrata e representam o potencial, a energia de uma dada situação. Os 56 Arcanos Menores – compostos por ouro, espadas, copas e paus – são arcanos auxiliares e símbolos sinalizadores, se projetam à mente racional e dizem respeito à manifestação da forma.

Basicamente, o Tarô pode ser utilizado como uma ferramenta para orientação pessoal (oráculo) ou para o autoconhecimento (aprimoramento do “eu”, evolução). Nisso, o Tarô terapêutico não enfatiza o foco puramente adivinatório, mas a capacidade de orientar o indivíduo na sua transformação pessoal.

Em seu livro *ABC do Tarô*, a autora Colette H. Silvestre afirma que “acima de tudo, o Tarô é um guia destinado a homens e mulheres em busca da iluminação espiritual, decididos a consagrar o tempo e a paciência necessários à descoberta de um sentimento profundo da vida”. Paul Marteau, em *Le Tarot de Marseille*, define Tarô como “...um conjunto de figuras que expressam simbolicamente o

trabalho do homem para realizar sua evolução, isto é, para atingir os fins inscritos no seu destino; evolução que lhe exigirá lutas, esforços, alegrias e sofrimentos...”

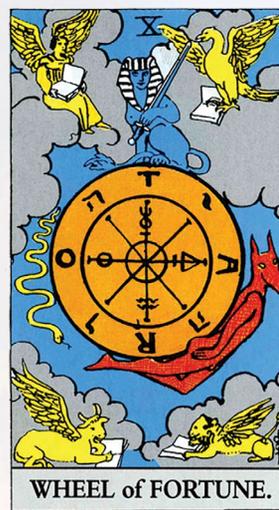


Como maçons, voltados para a construção de homens livres, de bons costumes e moral a mais elevada possível, para a edificação de uma sociedade justa e fraternal, o Tarô poderá ser também uma ferramenta eficiente para o autoconhecimento, que é fundamental para que ocorra a transformação positiva para a consciência em evolução e, por consequência, a formação de um indivíduo mais preparado para trabalhar em prol de uma sociedade em que predominem a ética, a justiça e a igualdade.

Como todas as cartas do Tarô, a Roda da Fortuna possui dois aspectos: o de Luz e o de Sombra. O aspecto de Luz é a revolução, onde os ciclos se renovam e podemos nos estabelecer num patamar mais elevado. O aspecto de Sombra é a repetição, onde parece que estamos estagnados ou até involuindo em nossos vícios, ideias fixas e negativismo. Sua ordem na sequência das cartas é a de número 10, símbolo da criação universal, denota um retorno à unidade, com promessa de renovação e totalidade.

No Tarô de Marselha, a carta é apresentada com uma roda encimada por uma esfinge alada que representa o símbolo do Destino: “decifra-me ou te devoro”. Ela é coroada (símbolo da autoridade material) e com uma espada levantada (símbolo de alta espiritualidade e superioridade humana). Em sua posição, decide quem subirá e quem descerá na roda da vida.

Dois seres estão presos à roda. O que sobe é o gênio do bem que se eleva em direção ao céu e à Luz. Significa construção interior e exterior ao mesmo tempo. O gênio do mal mergulha na terra e nas trevas, representando a queda e involução. Devido a sua negligência, precipitou-se no mundo da matéria e da destruição.



No Tarô de Rider-Waite, na roda estão inscritas as letras hebraicas YHVH (Yod, He, Vav, He), o nome impronunciável do Deus hebraico. Entre elas, as letras “T”, “O”, “R” e “A”, representando Torah (lei) ou Tarot, ou também Rota (roda em latim). No interior da roda estão os símbolos alquímicos de mercúrio, enxofre, água e sal, que são os quatro elementos alquímicos que representam o poder da criação.

No exterior, do lado esquerdo, está uma cobra (Typhon), a força da vida a mergulhar no

mundo material; e, no lado direito, Anúbis (o deus egípcio dos mortos), que recebe as almas no submundo. Na parte mais alta da Roda está a esfinge, representando o conhecimento e força. Nos cantos da carta estão quatro figuras com asas: um leão, um touro, uma águia e um anjo, representando os quatro signos fixos do Zodíaco, que são: Leão, Touro, Escorpião e Aquário. Essas quatro figuras possuem asas que indicam estabilidade diante do movimento e mudança, e cada uma delas está portando o livro Torah, representando a sabedoria.

Assim, temos a imagem de que tudo não se mantém no seu apogeu e também nada permanece na decadência. Nada é fixo, e tudo é transitório, passageiro e cíclico.

A roda que gira é a roda das transformações. Os acontecimentos irão se suceder e as oportunidades surgem para a evolução. A manivela, no Tarô de Marselha, é o símbolo do poder divino que faz girar a roda com seus raios que refletem a harmonia na sucessão dos ciclos. A figura do círculo, presente na carta e em todas as representações associadas à Roda da Fortuna, traz associação à roda da vida, a existência de constantes ciclos, particularmente, do destino. A partir do momento em que a roda gira, se inicia uma nova fase. Existem ciclos dentro de ciclos, alguns mais extensos e outros mais curtos.

Portanto, todas as experiências que foram trabalhadas no passado e que fomos capazes de assimilar e nos auxiliaram a crescer terão seu período encerrado. Entretanto, a Roda da Fortuna nos avisa que os ciclos que se repetem farão isso sem interrupção até que a lição seja aprendida.

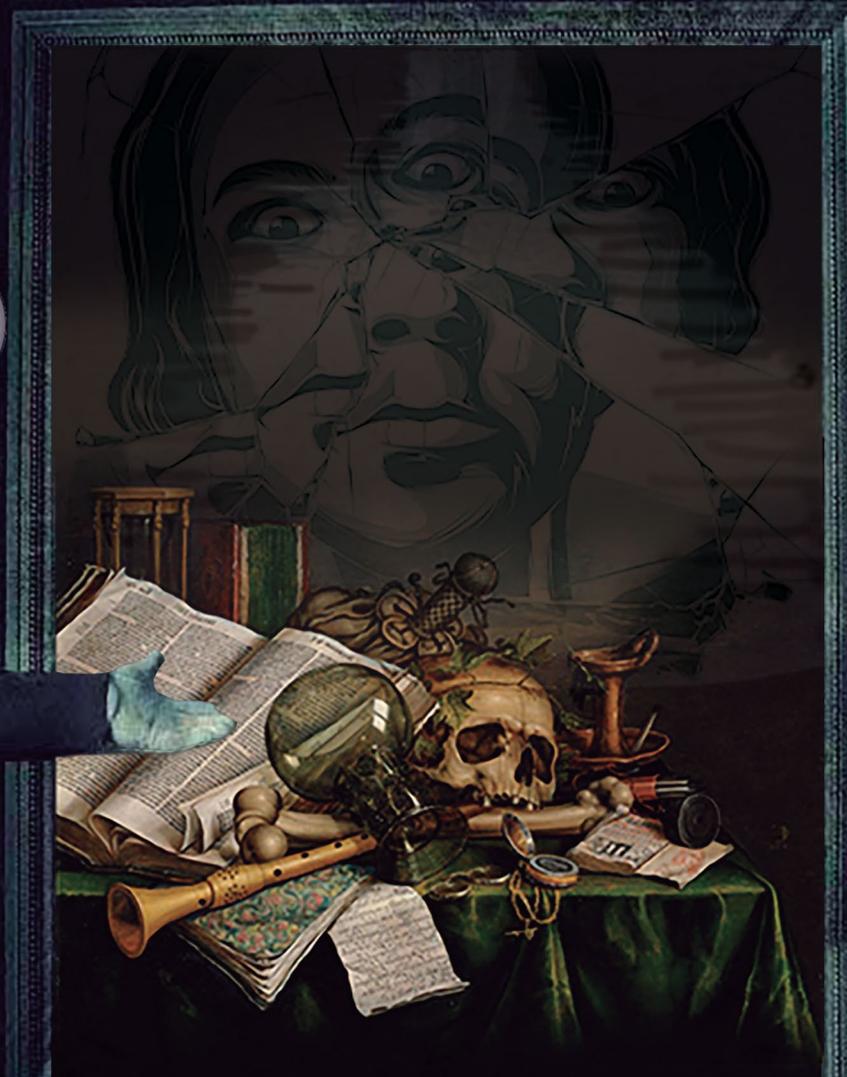
Por fim, refletimos que o simbolismo exposto neste trabalho trata dos ciclos maiores

e menores (universais e humanos) e daquele Sexto Grande Princípio Hermético – o Princípio da Causa e Efeito: “Toda causa tem seu efeito: todo efeito tem sua causa; todas as coisas acontecem de acordo com a Lei. Acaso é simplesmente um nome dado a uma Lei não reconhecida; existem muitos planos de causalidade, mas nada escapa à Lei” – (*O Caibalion*).

Nada escapa à Lei. Ela está atuando na menor partícula e no Universo. Que possamos nos voltar para a nossa própria existência e procurar nos acontecimentos de nossa vida a confirmação da Lei agindo continuamente. É impossível alterar essa Lei sábia, poderosa e divina, mas o homem tem a possibilidade de direcionar positivamente sua própria vida através das escolhas conscientes dos pensamentos, palavras e ações benéficas e amorosas para consigo e para com os outros e, no sincronismo dos eventos, colher os frutos de sua própria sementeira. ◆

#### Referências Bibliográficas:

- Ritual de Emulação - Primeiro Grau (Glesp).
- *ABC do Tarô* - Colette H. Silvestre (Editora Nórdica).
- *Curso Completo de Tarô* - Nei Naiff (Editora Nova Era).
- *O Caibalion* - Três Iniciados (Editora Pensamento).
- *Tarô: Curso Introdutório à Leitura Terapêutica* - Aton Godim.
- *O Tarot: Arcanos Maiores. X – a Roda da Fortuna* - in <https://bit.ly/3Ec1sHq>.
- O que significa a carta: A Roda da Fortuna no Tarot? - in <https://bit.ly/3o9KrrM>.
- Fortuna (Mitologia) – in <https://bit.ly/3xi0Wyn>.



# A Câmara de Reflexões

Irmão Marcos Vinicius Gonçalves Floriano  
Loja Nivaldo Rodolpho, 743 - Oriente de Marília



**A** Iniciação é um cerimonial concebido com o escopo de inserir o neófito num novo contexto de vida. Destina-se a conscientizar o iniciado da razão de existir. Tinha o candidato, até então, uma noção de qual o sentido da vida. Após a Iniciação e com a evolução na escalada maçônica, a razão vai sendo aprimorada e a consciência, gradativamente, passa a ser corretamente utilizada, gerando, assim, o homem espiritualizado.

Sábria e previdente, a Maçonaria não poderia ter adotado melhor forma para atingir o propósito de avivar nos seus integrantes o desejo de despertar para uma nova realidade. Lançou mão do misticismo medieval para sedimentar a sua doutrina moral e espiritual de incessante busca da verdade.

Nesse contexto é que, após termos sido apanhados em nossos lares por um daqueles que vieram a se tornar nossos irmãos, fomos conduzidos ao local onde se deu a cerimônia de ingresso e, depois de tranquilizados pela mensagem de acolhimento e confiança bradada pelo Experto (sou seu guia, nada receeis), descemos até a masmorra (útero da Terra) e lá permanecemos sozinhos, entregues a nós mesmos, de forma a que pudéssemos inaugurar o processo de meditação e introspecção tendente à descoberta de nós mesmos.

O local é lúgubre, escuro, fechado; ornamentado com símbolos que, evidentemente, têm por finalidade excitar nossa imaginação e aguçar os sentidos, predispondo-os para a recepção de preciosas informações. Simboliza as trevas, o lado sombrio da personalidade, a ausência de clarividência, o lugar de perpétuo esquecimento para aonde são conduzidos os que prestigiam as paixões, os vícios; enfim, representa a morada dos ignorantes.

Deve conter um esqueleto humano ou, pelo menos, um crânio, um pedaço de pão, uma bilha com água, sal, enxofre, mercúrio, uma cadeira, uma mesa, papel e uma caneta. Sobre a mesa, a figura de um galo, acompanhada das palavras vigilância e perseverança, e uma ampulheta.

Nas paredes são grafadas as seguintes inscrições: *se a curiosidade aqui te conduz, retira-te; se queres bem empregar a tua vida, penses na morte; se tens receio de que se descubram os teus defeitos, não estarás bem entre nós; se és apegado às distinções mundanas, retira-te; nós, aqui, não as conhecemos; se fores dissimulado, serás descoberto; se tens medo, não vás adiante.*

Reparem que o maçom não pode ser um indivíduo que aspire apenas ter acesso aos mistérios que a Ordem mantém velados; deve, por óbvio, ansiar conhecê-los com o único escopo de aplicá-los na sua lapidação; deve ter consciência da efemeridade da existência e da eternidade da vida; deve ser sincero e leal e, por fim, deve manter inabalável a fé no Grande Arquiteto do Universo, porque é esse sentimento que lhe permitirá enfrentar todo e qualquer revés que se lhe apresentar, sem temor.

Feitas essas prévias considerações, passa-se aos breves comentários sobre os símbolos que adornam a câmara de reflexões.

O esqueleto humano, ou somente o crânio, representa um homem diante de si. Traz-nos a exata noção da finitude da vida. Adverte-nos de que chegará o dia da partida e que, diante disso, deveremos fazer da sagrada oportunidade de existir, o substrato para a nossa evolução espiritual. Demonstra que o perecimento do corpo físico nivela todos os seres humanos e, em sendo assim, conscientiza-nos de que não devemos nos julgar superiores a quem quer que seja. Afinal, somos, na essência, iguais. Aliás, ao ensejo da apresentação de um trabalho intitulado *A Alegria*, enfatizei que o homem não foi concebido para julgar os seus semelhantes. O seu papel consiste em exteriorizar uma nova face, uma face de amor, lastreada na indulgência (perdão), na compreensão, na tolerância etc. Necessário repelirmos tudo o que nos conduza à separatividade, ao isolacionismo.

O pão e a bilha com água são dois símbolos que indicam que o Grande Arquiteto do Universo, na sua infinita bondade e misericórdia, jamais nos desproveria do que é necessário para realizarmos a obra que haverá de refletir a materialização da sua vontade. E, no particular, cabe transcrever trecho da poderosa oração que o Cristo nos legou (o Pai Nosso), a saber: *o pão nosso de cada dia nos dai hoje*. Ou seja: *dai-nos, hoje, o que precisamos à compreensão dos vossos desígnios*.

Não necessitamos que nos dê mais do que o imprescindível a cumprirmos a missão de cada dia. Receberemos, paulatinamente, a seu tempo e segundo os nossos desejos e méritos, o estritamente necessário.

Outra interpretação possível é que o pão é o produto da transformação; da semente à forma assada. A água, por sua vez, é o emblema da fertilidade. Dá vida a tudo, não somente pela função de hidratação, mas, também, pela potencialidade de, combinada a outros ingredientes, gerar alimentos capazes de garantir a subsistência do homem (a exemplo do pão).

O enxofre representa a espiritualidade, e o sal é o símbolo da vivacidade. O primeiro traduz o ardor, enquanto o segundo sugere moderação. Os metais, consoante os alquimistas, eram formados de mercúrio, enxofre e sal, os quais, de certo modo, representam os três princípios da obra divina: o cósmico, o terrestre e o humano. Essa simbologia dos três elementos remete à transmutação do “eu” interior, que é, em última análise, a pedra oculta dos alquimistas. Em síntese, a alquimia é ciência que visa transformar todo metal em ouro, cuja mudança é feita a partir da ação dos três citados elementos.

A ampulheta é instrumento usado para medir o tempo. Demonstra que tudo é passageiro e que devemos agir sempre proveitosamente, porque os instantes que deixamos de fazer o bem, de tornar feliz a humanidade, podem, consoante as leis kármicas, custar-nos muito, dado o atraso na senda evolutiva.

Cadeira, mesa, papel e caneta são instrumentos que propiciam ao neófito a confecção do seu testamento moral e filosófico. Reforçam a noção de mortalidade.

A grande maioria dos irmãos (arrisco dizer que quase todos), antes de participar da cerimônia de Iniciação, jamais tinha sido forçada a redigir uma declaração de última vontade. Portanto, tais instrumentos, notadamente pela maneira

como devem ser usados na masmorra, forçam o candidato a pensar sobre o desaparecimento das coisas materiais na medida em que, por força do que declarará no documento a ser preenchido, aquelas não os acompanharão quando, por merecimento, tornar-se “um com Deus” (regressar ao Pai).

Tanto é assim que as perguntas a serem respondidas são relativas aos deveres do homem para com Deus, para com a humanidade, para com a pátria, para com a família e para consigo mesmo, prova de que se objetiva forçar o iniciando a desprezar a materialidade.

A cadeira, a mesa, o papel e a caneta também nos indicam que precisamos, sempre e sempre, refletir sobre as nossas ações, sobretudo porque elas traduzirão as nossas obras que ficarão registradas como signos de nossas personalidades. O corpo físico perecerá, mas as obras, isto é, o que tivermos escrito nas páginas do livro da vida, ficarão para a posteridade. Mais do que isso: nossas obras ditarão a medida dos nossos progressos na escalada evolutiva, porque são elas que revelarão a intensidade da expressão da divindade em nós imanente. As nossas bondades favorecerão os nossos ingressos na morada do Criador. As maldades, evidentemente, retardarão o processo na medida em que seremos compelidos aos imprescindíveis resgates.

O galo, em posição de canto, ali está para saudar a luz de uma nova vida que surge para iniciado. Sugere o despertar para uma fase em que há a predominância dos valores espirituais. Tem atrelado à sua imagem as palavras “vigilância e perseverança”, traçadas para alertar o candidato de que deverá preservar-se atento à retidão de sua postura, bem como empenhar-se na compreensão dos múltiplos sentidos dos símbolos e alegorias que vos serão apresentados.

“Visitai o Interior da Terra e Retificando Encontrarás a Pedra Oculta”, este é o sentido da ex-

pressão formada pelas letras V.I.T.R.I.O.L. É sabido que a Maçonaria escolhe homens bons, os quais, se seguirem os seus ensinamentos, inexoravelmente se tornarão melhores.

Prega a Ordem que sejamos perseverantes no desbastar das asperezas de nossas massas informes, a fim de que, a cada polimento, galguemos os degraus da escada de Jacó e encurtemos as distâncias que mantemos do Grande Arquiteto do Universo.

O V.I.T.R.I.O.L. nos convoca a mergulhar em nossos interiores para que realmente conheçamos quais as deficiências de nossos “EUs” e, a partir de tais constatações, empenhemo-nos nas suas retificações.

O progresso de cada um de nós é grandeza diretamente proporcional às nossas capacidades e sensibilidades de nos conhecermos e de, ato contínuo, aplicarmos insistentemente os maços e cinzéis de que dispomos conforme as lições da Maçonaria, no afã de corrigir-nos.

Para concluir, na Câmara de Reflexões, no silêncio e na semiobscuridade, cercado de sugestivos símbolos, advertido por frases categóricas, despojado de metais que lhe forcem a gozar as vaidades do mundo onde até então se encontrava, franqueia-se ao candidato a prerrogativa de reconsiderar a decisão de tornar-se maçom.

Caso opte por seguir com a resolução tomada, haverá de livrar-se dos preconceitos, do orgulho, das paixões, enfim, deverá se esforçar para eliminar os sentimentos puramente egoicos, passando a cultivar e cultivar a simplicidade, a modéstia e a humildade, jamais deixando de emprestar auxílio aos irmãos no atendimento das suas justas reivindicações.

É essa a tarefa que, conscientemente, assumimos realizar. Não será fácil, mas, com dedicação e, em especial, com o apoio dos irmãos, avançaremos pela estrada. Que Deus nos ajude! ◆

### Bibliografia

- Revista A Verdade, julho/agosto de 1991.
- Revista A Verdade, julho/agosto de 1995.
- Revista A Verdade, janeiro/fevereiro de 2000.
- Revista A Verdade, julho/agosto de 2011.

# MAÇONARIA: Iniciar o quê? De onde? Para quê?



**I**niciar o quê? A Vida!  
De onde? Do mundo profano...  
Para quê? Para a sabedoria da vida.

Iniciar o quê? A Liberdade!  
De onde? Da Igualdade entre humanos...  
Para quê? Viver a Fraternidade do Grande Arquiteto do Universo!

Recebido na loja, o convidado é levado para uma câmara, onde passa a observar escritos, objetos, crâneo, galo, VITRIOL etc., produzindo a curiosidade e o raciocínio... Sobre essa diferença será questionado.

À porta do templo, ouve a seu respeito: quem é o profano? É dito o seu nome, endereço, profissão na vida social e que acredita em Deus. É dito que é livre e de bons costumes e que deseja ser iniciado na Ordem.

Como se apresenta: com o pé direito descalço (chinelo para proteção), calça do pé descalço levantada até acima do joelho. Camisa aberta no peito, para deixar exposta a influência que traz das emoções íntimas, dos enraizados costumes profanos e que deverá reavaliar. A venda nos olhos é para só usar a razão por si mesma, nessa especial oportunidade, independente dos sentidos e, sem a visão, passar a ver com a alma o que está além das coisas materiais, concretas, diferente do que geralmente se faz com o uso da visão.

É invocada a inspiração do Grande Arquiteto do Universo sobre o iniciando, em quem ele acredita, para que tranquilo tenha confiança no que lhe está acontecendo. A ele é sugerido que pense, que reflita no que seja a virtude, e também o vício, para estar alerta

para o que lhe virá a seguir.

Afastado da visão comum das coisas, por estar vendado, até experimenta o sabor doce e o amargo do cálice da vida do dia a dia e tem ressaltada a sua possível reação imediata, como de não aceitação de uma prova da vida, para reanimar-se, em seguida, com o significado de que tudo é passageiro e será superado com facilidade, desde que compreendido o significado da prova e que as futuras possíveis dificuldades na vida trazem novas soluções e crescimento íntimo.

Assim, fará caminhadas, viagens, para sentir a existência de obstáculos e a superação deles pela condução amiga em quem precisará confiar, a Família Maçônica.

Sendo muito com as mãos que as ações são praticadas, o mergulhá-las nas águas busca ensinar que fiquem sempre limpas das impregnações ocasionais, a que todos estão sujeitos, e mãos limpas são as de quem faz o bem, como o cuidar da ferida do próximo.

É levado a sentir o calor das chamas, como a cauterização irreversível do que tenha que se desfazer para sempre, aceitando ser sempre cidadão honesto e justo, amigo de sua família e maçom sincero.

Vem a oportunidade de se sentir solicitado a contribuir com o próximo e o estar sem poder corresponder, por encontrar-se sem recursos, recolhidos antes para esse momento, o faz aprender como se sentiria se fosse o necessitado... e faz o juramento de defender e proteger os irmãos em tudo que for justo. Promete também ser elemento de paz e concórdia entre os

irmãos e jamais violar essa promessa.

Tudo o que conseguiu perceber e sentir, as dúvidas e incertezas se transformam com a retirada da venda dos olhos, com o término das trevas e o início da iluminação do templo, e, então, com a constatação do que sentiu com a realidade que se apresenta, cercado de pessoas com armas apontadas para ele, poucos conhecidos, mas todos com prestimoso olhar, alegres, com faixas, paletó e gravata e também espadas para defendê-lo. Recuperado do transe iniciático, constata estar em ambiente incomum, o templo, cheio de adornos diferentes, colunas, piso e mesas diferentes.

Conduzido pelo centro do templo, ajoelha-

do ouvirá a sua aceitação e compromisso correspondente, será abraçado e aclamado por todos. Sairá para recompor-se da vestimenta e receber instruções de como voltar ao templo, já na situação de iniciar seu aprendizado como maçom.

Em cada encontro, em determinado dia da semana, instruções são oferecidas para o como participar delas e, com a disciplina e o respeito indispensáveis, através de uma bela ritualística, assimilar o que é de maior importância, o significado dessa conduta para começar a entender nessas posturas, nesse fazer, o seu significado, fase preparatória para estar desperto a compreender nos símbolos diversos, desde os do adorno do templo aos dos textos que lhe serão apresentados, o transcendental do simbolizado, as essências do viver a própria vida.

Trabalhos dos irmãos ressaltarão aspectos relevantes para a assimilação a ser feita, impar para cada um, ampliando a penetração nos mistérios descobertos pelos sábios da



humanidade de todos os tempos.

A Iniciação, tão significativa, continuará sendo presente em momentos outros, seguintes na formação que a Maçonaria oferece. Assim, do entendimento da impossibilidade de andar com uma só perna, passará depois a perceber nesse simbolismo o simbolizado, que será o poder andar com os recursos de uma perna e passar a dispor dos recursos da outra perna, para na realidade da vida ter o equilíbrio necessário para o caminhar tranquilo no seu dia a dia.

Outro será o momento em que, para além das coisas do atendimento ao corpo físico, como que se descartando dele, receber reflexões para voltar-se para a sua realidade interior, seu mundo íntimo, para o “conhece-te a ti mesmo” de Sócrates, diferentes que somos todos e cada um por si mesmo, o que por paradoxo nos torna iguais, de sermos todos humanos igualmente desiguais, todos e cada um com virtudes e fragilidades. As virtudes a serem repartidas, como o modo de superação das fragilidades, pela humildade de respeito ao que seja o modo diferente de pensar. É a Fraternidade!

Pensar diferente é buscar caminhos novos. Exemplos existem, incontáveis. Quando a humanidade acreditava que voar só era possível aos pássaros, alguém observou que a água da chaleira quente subia como vapor; que o ar que respiramos nos envolve sem uma aparente sustentação, e iniciou-se a busca da elevação no ar, com Bartolomeu Lourenço de Gusmão construindo o balão.

O balão obedecia – e muito – a direção dos ventos, que é independente da ação hu-

mana. A direção da movimentação no espaço iniciou-se com Santos Dumont e os irmãos Wright.

Veio o dirigível, por assim dizer um grande balão com motores para a direção. O gás era inflamável e oferecia riscos. Hoje, e entre nós, a Airship superou esse risco. Tudo isso fundamentado no conceito de superação do que é prático e bom, e já existente, mas que se pode aperfeiçoar e, assim, criar, fazer nascer não apenas conquistas de novos instrumentos, acessórios materiais, mas novas concepções do significado da vida, a que esses novos instrumentos, acessórios, deverão servir. É o deixar de estar entre os que se satisfazem com o que é prático, que os domina, e assim estacionados na própria evolução.

A falta de entendimento da grande contribuição da Maçonaria ao significado da vida íntima do maçom, se ainda estiver dominado pelas questões do mundo profano, corresponde ao não ter atingido o motivo de ter sido convidado para entrar no Templo Maçônico e, através dele, entrar em si mesmo. Se assim acontecer, “estará maçom”, poderá passar por todos os graus e, burocrático, pretenderá estar ainda mais “dono da verdade”, pois para este tudo já está “pronto e acabado”, e “ai dos que discordarem”.

O estar maçom é pensar que compreende as palavras-chaves, como Liberdade, Igualdade e Fraternidade, do mesmo modo como entende o ritual como fim em si mesmo. O ritual é tão somente meio e, por ser meio, varia conforme seja o Rito adotado – Escocês Antigo e Aceito, York, Moderno, Adonhiramita etc. – como também tem se modificado

dentro de um mesmo Rito. Conforme o Rito, ocorrem mudanças na posição dos móveis dentro do templo, também do onde e do como proceder as etapas do trabalho. O que é permanente é a finalidade, que é a razão da existência secular da Ordem, embasada nos conceitos universais da vida, muito além do simples aqui e agora. Faltando essa compreensão entre meio e fim é “estar maçom”.

Estar maçom é entre os irmãos o procurar dar acentuado destaque às naturais discordâncias, e pelas discordâncias em si mesmas, como advogados de “causas perdidas” e, provavelmente, expondo através dos outros as suas próprias divergências, inconciliáveis pelo pouco entendimento do que é meio e o que é fim.

“Estar” é bem menos do que “ser” maçom.

Ser maçom é fazer da salutar discordância de entendimento dos procederes e ideias entre os irmãos a contribuição que deve trazer crescimento de novas experiências de vida e união da Família Maçônica.

Ser maçom é entender o ritual como meio para a disciplina e respeito, assim, o modo natural de conduta para que tenha sentido o que é a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade.

Ser maçom é não se envaidecer com sua ocasional e oportuna participação na Ordem e, ainda, não deixar de reconhecer se outro irmão o tenha feito; é não se melindrar quando sua forma de pensar for superada por outra melhor fundamentada, mas, ao contrário, sentir-se grato pela contribuição recebida para a revisão de

seu conhecimento. É ter humildade.

Ser maçom é ter presente que a Maçonaria significa paz e felicidade pelo exercício do sublime ideal da fraternidade, é sentir o ser irmão e amar a família que, escolhido, permanece nela para participar do aperfeiçoamento social, através da elevação do humano moral acima do humano material, do amar o próximo como a si mesmo, sabendo que o Grande Arquiteto do Universo, o “Olho que tudo vê”, saberá que o Maçom participa do templo e mais e mais assimila a virtude, sabedoria, força, prudência, glória e beleza, e não é apenas frequentador de um local físico, construído como qualquer outro.

As reflexões, questionamentos e dúvidas têm na reunião o ambiente “assembleia” de livre participação, com momentos indicados para isso, quando cada Maçom-Maçom pode e deve expor o que pensa, aberto à própria iluminação na conjugação dos verbos ajudar, perdoar e servir, e participar da tarefa de iluminar, sempre sem qualquer evidência de personalismo, nem para o destaque pessoal no terreno das considerações passageiras.

Ao Aprendiz, é indispensável a vigilância para não se perder no desvario de palavras contundentes e inúteis, promotoras apenas da desunião.

Gratidão é perfil do Maçom-Maçom, por estar na Ordem. Gratidão pelas decisões tomadas em loja, sempre pela aberta participação de todos e onde aprenderá que o dirigente, Maçom-Maçom, sempre ouvirá,

consultará os irmãos mais experientes em cada assunto que a loja poderá assumir. Lição de prudência para toda a vida. Constitui patrimônio valioso o agir com desenvoltura, mas sempre com o coração carregado de amor fraterno, voltado ao bem comum, para o que se apresenta para ser resolvido, afastando-se do burocrático cumprimento da “letra” de regulamentos que estão sempre em mudança para o melhor entendimento das situações. A letra mata, o Espírito vivifica.

Contam as tradições populares da Índia que existia uma serpente venenosa em certo campo. Ninguém se aventurava a passar por lá, receando-lhe o assalto. Mas um santo homem, a serviço de Deus, buscou a região, mais confiado no Senhor que em si mesmo. A serpente o atacou, desrespeitosa. Ele a dominou, porém, com o olhar sereno, falou: Minha irmã, é da lei que não façamos mal a ninguém. A víbora recolheu-se, envergonhada.

Continuou o sábio o seu caminho e a serpente modificou-se completamente. Procurou os lugares habitados pelo homem, como desejosa de reparar os antigos crimes. Mostrou-se integralmente pacífica, mas, desde então, começaram a abusar dela. Quando lhe identificaram a submissão absoluta, homens, mulheres e crianças davam-lhe pedradas. A infeliz recolheu-se à toca, desalentada. Vivia aflita, medrosa, desanimada. Eis, porém, que o santo homen voltou pelo mesmo caminho e deliberou visitá-la.

Espantou-se, observando tamanha ruí-

na. A serpente contou-lhe, então, a história amargurada. Desejava ser boa, afável e carinhosa, mas as criaturas perseguiam-na e apedrejavam-na. O sábio pensou, pensou e respondeu, após ouvi-la: Mas, minha irmã, houve engano de tua parte. Aconselhei-te a não morderes ninguém, a não praticares o assassinio e a perseguição, mas não te disse que evitasses de assustar os maus. Não ataques as criaturas de Deus, nossas irmãs no mesmo caminho da vida, mas defendas a tua cooperação na obra do Senhor. Não mordas, nem firas, mas é preciso manter o perverso a distância, mostrando-lhe os teus dentes e emitindo os teus silvos.

Todos nós somos herdeiros diretos do Grande Arquiteto do Universo. Os irmãos dedicados à região superior estão sempre se purificando e elevando o autodomínio, afastam-se dos falsos princípios que fazem da discórdia a possibilidade de ter domínio sobre outros, do antigo axioma “divide e impera”.

Gratidão pela retribuição da confiança que o Maçom-Maçom tenha merecido no desempenho de responsabilidades, cabendo-lhe agir com igual confiança em situação inversa.

Somos todos visitantes desse tempo e deste lugar. Aqui estamos só de passagem, e o maçom acredita na vida futura. Nosso objetivo é observar, crescer, amar e, depois, poder voltar para a casa do Grande Arquiteto do Universo, como filhos justos, de bons costumes e livres na nossa conduta!

“O arquiteto de tudo é Deus!” (*Hebreus 3:4*). ◆

# A amizade verdadeira nunca morre



**Irmão Guilherme Moraes Cardoso**  
Loja Acácia Mariliense, 537 – Oriente de Marília

**C**omeçamos essa peça de arquitetura citando a célebre frase de Mario Quintana: “A amizade é um amor que nunca morre”. Simples pela quantidade de palavras, mas profunda pelo seu conteúdo. Do erudito ao popular, do infantil ao adulto, em diversas faixas etárias, a amizade foi cuidadosamente relatada.

Essa peça tem por escopo prestar uma homenagem à amizade, em especial àqueles que comigo dividem a alegria de compor uma loja de maçons livres e aceitos. Não obstante, presta-se também a enaltecer a riqueza de nossos símbolos, do nosso ritual: quão importante estabelecer laços de fraternidade que nos unem como verdadeiros irmãos.

Tanto na música, nas peças teatrais, no cinema, na literatura, na filosofia, além de outras áreas do conhecimento humano, o tema amizade serviu de inspiração para a profusão de belíssimas obras com o fito de destacar esse sentimento que nasce de forma espontânea e por opção dos indivíduos. Há quem diga ser um sentimento altruísta, mas também que se valha da expectativa pela reciprocidade. Em ambos os casos, um valioso sentimento.

Segundo Quintana, a amizade sincera nunca morre, pressupõe-se a eternidade. A vida sem amizades é praticamente impossível, pois o homem é naturalmente um ser político, necessita do convívio social. Pois bem, conforme dito por Nietzsche, “sem a música, viver seria um grande erro”, nada melhor que brindar às amizades com o acervo do cancionero popular.

Fácil seria iniciar com a *Canção da América*, de Milton Nascimento, que em linhas gerais nos apresenta um hino à amizade, pois “amigo é coisa pra se guardar, do lado esquerdo do peito, dentro do coração”. Espero não ser julgado por ausência de criatividade, afinal, a riqueza da poesia nos conduz a uma mensagem de agradecimento, de saudade, de reverências às marcas indelévels deixadas por um grande amigo. A canção foi uma homenagem do compositor (escrita em inglês) para um amigo sul-africano, Rick Fattar, que de um encontro inusitado passou a grande e inesquecível amigo. A conhecida versão em português é de Fernando Brant.

É comovente a dor do compositor quando diz ter chorado a partida daquela pessoa tão importante para si, mas, ao mesmo tempo, se consola dizendo “o que importa é ouvir a voz que vem do coração” – a voz da saudade, do carinho da admiração, talvez estivesse se referindo à amizade verdadeira, aquela que nunca morre.

Aristóteles nos deixou um estudo a respeito da amizade, dividindo-a em três categorias. Em sua obra *Ética a Nicômaco*, a amizade poderia acontecer por prazer, por alguma utilidade ou ser aquela que chamou de verdadeira. O filósofo não estabelece escala de importância, mas as classifica pelo tempo de duração. Pretender-se-á, pela música, exemplificar o que nos revela cada um desses modelos aristotélicos de amizade. Vagamente, podemos dizer que a amizade é o sentimento daquilo que tenho por você, pelo próximo. Não depende do outro, mas da minha intenção.

Quando vinda do prazer ou da utilidade, a amizade acabaria se perdendo no tempo por sua fragilidade. Além disso, transformar-se-ia em causadora de desilusões e infelicidades. Afinal, quem nunca esperou reciprocidade na amizade?

Voltando ao cancionário, por que não lembrar daquele “amigo de fé”, daquele “irmão camarada”? Sim! Roberto Carlos nos apresentou a satisfação por ter um amigo verdadeiro, um amigo disposto a estar presente em todos os momentos da vida do outro. Será que somos daquele amigo preocupado a “ajudar na saída com palavra de força, de fé e de carinho”? Se a resposta for negativa, faremos verdadeira afirmação de Benjamin Franklin, quando diz “o falso amigo e a sombra só nos acompanham quando o sol brilha”. Esta poderia ser a amizade pela utilidade, aquela citada por Aristóteles, em que os polos estão em desnível.

É, caro leitor, na verdade, o que quero lhe dizer é “que a coisa aqui está preta”. Foi o que disse Chico Buarque e se faz atual frente ao que se tornou a humanidade. Nos dias de hoje está difícil encontrar verdadeiros amigos, daqueles como o que recebeu as notícias dada por Chico em sua canção *Meu caro amigo*.

A quem desabafar? A quem se socorrer? Os indivíduos estão carentes por serem ouvidos! As pessoas não mais escutam e, em alguns casos, não mais se preocupam! Reflita: na vida de quem estou a faltar? Alguns amigos ganham destaque nos momentos de prazer, de euforia; haveria sinceridade nesta amizade?

Na infância, tudo parecia mais simples. Como era gostoso dizer: aquele é meu melhor amigo. Você se lembra dele? Era aquele que chamávamos de “amigo do peito”. Nessa amizade, bastava viver brincando, viver cantando, viver sonhando. A pureza da criança em suas relações, possivelmente, nos aproximaria daquilo que Aristóteles chamava de amizade verdadeira, sincera. Onde está o seu melhor amigo da infância? Se não mais presente no seu dia a dia, possivelmente, na memória. Enfim, está escrito no samba-canção *A Amizade*: “Na amizade, nem mesmo a força do tempo irá destruir, somos verdade, nem mesmo este samba de amor pode nos resumir. Quero chorar o teu choro, quero sorrir seu sorriso, valeu por você existir, amigo”.

Para nós, maçons, a amizade ganha outro sentido. Depois de iniciados, passamos a nos chamar de irmãos – tratamento recomendado pelo *Poema Regius (1390)* – manuscrito mais antigo conhecido da Maçonaria Operativa. E essa mudança é bastante interessante, pois, do dia para a noite, diversas pessoas passam a te olhar de forma diferente, e isso é muito positivo. Com o tempo, descobrimos que aquela figura expoente, aquele grande médico, juiz ou empresário, se despe dos pronomes de tratamento para agora ser apenas o teu irmão.

No entanto, não existe um maçom igual a outro. Todos temos interesses diversos, gostos, vontades e afinidades. É natural um irmão aca-

bar se aproximando mais de outro, estreitando um vínculo maior. Dando por exemplo as abelhas, mesmo sendo todas operárias por ofício, existem aquelas que alimentam a rainha ou as larvas, as que limpam a colmeia e as que recolhem o néctar. Assim também se explica a heterogeneidade de uma loja maçônica. Porém, como num ataque ofensivo à abelha operária de uma colmeia, todas as outras não medirão esforços para defendê-la.

A Maçonaria nos propôs um renascimento simbólico e, assim quando nascidos pela via natural, não tivemos a opção de escolher aqueles que já pertenciam ao nosso lar, a nossa família.

Assim como na vida, nem todos os irmãos de sangue são os melhores amigos, e na Maçonaria não poderia ser diferente, o mesmo também ocorre. Não obstante, devemos propor e buscar uma amizade sincera, verdadeira, conforme sustenta Aristóteles. Por que temos essa incumbência? Porque, segundo Aristóteles, o diferencial para uma amizade verdadeira está na essência da pessoa, ou seja, em seu caráter. E este caráter deve ser bom, pois o amigo perfeito é aquele que deseja o sucesso e a felicidade real do outro.

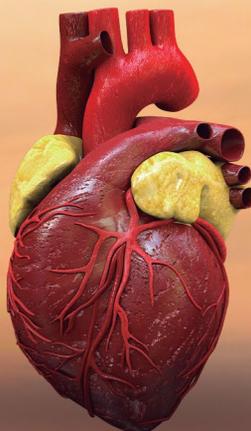
Como não poderia ser diferente, para a amizade sincera, verdadeira, oportuno referenciar uma canção. Coincidentemente, a canção recebe o título *Amizade sincera*, de autoria de Renato Teixeira, que assim diz:

*“A amizade sincera  
É um santo remédio, é um abrigo seguro  
É natural da amizade  
O abraço, o aperto de mão, o sorriso  
Por isso, se for preciso  
Conte comigo, amigo, disponha  
Lembre-se sempre que, mesmo modesta  
Minha casa será sempre sua,  
Amigo  
Os verdadeiros amigos  
Do peito, de fé, os melhores amigos  
Não trazem dentro da boca  
Palavras fingidas ou falsas histórias  
Sabem entender o silêncio  
E manter a presença mesmo quando ausentes  
Por isso mesmo, apesar de tão raros  
Não há nada melhor do que um grande  
Amigo, amigo, amigo  
Por isso, se for preciso  
Conte comigo, amigo, disponha  
Lembre-se sempre que, mesmo modesta  
Minha casa será sempre sua,  
Amigo.”*

E assim, com a última estrofe, encerro esta peça e reitero aos irmãos: se for preciso, contem comigo. Minha casa será sempre sua, ou nas palavras à moda da casa: estou sempre de pé e à Ordem. ◆

### Bibliografia

- Aristóteles. Ética a Nicômaco.
- Manual do Aprendiz
- Manual de Rituais Especiais





# Chegar, construir e ir embora

**Irmão Sérgio Ferreira Barbosa**

*Loja 1º de Janeiro, 113 – Oriente de São Paulo*

**M**esmo que sob a supervisão de nossos pais, no nascimento, nascemos sozinhos. Para chegar a esse mundo, atravessar a nova porta da existência, é uma missão que depende do nosso esforço. E no final de nossa vida terrena, também só teremos a nós, ninguém viverá por você a experiência do nascimento, nem o momento do desencarne, rumo à nova porta, de uma nova vida, em uma outra dimensão.

Note que tudo é sobre chegar, construir e ir embora. Os que estiveram antes de nós construíram a casa em que hoje aqui estamos, eles chegaram, construíram e foram embora.

Nós aqui chegamos, construiremos e partiremos. Somos construtores, e nos é dada a missão de preparar o terreno, construir os alicerces, erguer a casa, dar o fino acabamento, que nada mais é que a transmissão do conhecimento, ficar um pouco para orientar os novos construtores, se certificar que tudo está certo, do alto admirar toda a construção e ficar até quando o Grande Arquiteto do Universo nos permitir.

Esse é o eterno ciclo das repetições, a serpente que persegue o próprio rabo, formando o círculo chamado ouroboros. Notem que tudo que aconteceu no passado vai acontecer no presente e irá se repetir no futuro.

A vida é cíclica, sempre houve guerras e sempre ha-

verá guerras, isso é um ciclo, sempre houve crises, e sempre continuarão existindo as mesmas crises, mas também sempre haverá a superação de todos esses males, isso aconteceu no passado, vai acontecer no presente e se repetirá no futuro, e tudo isso sempre será sobre chegar, construir e ir embora.

Chega uma hora em nossa vida em que cansamos do ciclo das repetições. Eis à nossa frente um dilema existencial: desistir da vida seria suicídio ou iluminação? E aí nos encontramos com a provocação de Frederick Nietzsche:

*“E se um dia um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: ‘Esta vida, assim como a vives agora e sempre viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada pensamento, tudo o que há de pequeno em tua vida há de te retornar, tudo na mesma ordem e sequência – e do mesmo modo, do mesmo modo este instante e eu próprio.’ O demônio, o eterno relógio da existência, reiniciará outra vez a contagem do seu tempo e do tempo das tuas desgraças. Não te lançarias ao chão rangendo os dentes e amaldiçoando o demônio? Não. Responderias medrosamente que nunca te disseram algo mais divino. Diga: nunca te disseram algo mais divino? Mentirias que queres para sempre a tua própria desgraça? Vê bem: se disseses que sim, estarás apenas piorando a eternidade!”* ◆



# A Verdade

A REVISTA DO MAÇOM



**R\$ 106,15**

Revista em  
formato digital

- Jornalismo, informação e estudo
- O pensamento dos mais conceituados autores da Maçonaria contemporânea
- História, ritualística, simbologia, filosofia e muito mais...

Para obter a assinatura anual (6 edições digitais) envie cheque nominal à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, no valor de R\$ 106,15, juntamente com seus dados (nome, endereço completo, telefone, e-mail, loja, oriente e potência) para a Caixa Postal 2.774, CEP 01031-970, São Paulo, SP.



[www.glesp.org.br](http://www.glesp.org.br)